

Resenha: *Unpleasant Design*. Savicic, Gordan e Selena Savic (Ed.); Korac, Nikola (Ilustrador). G.L.O.R.I.A, 2016.

Antônio Maria Claret de Souza Filho *

* Cientista Social (UFMG). Graduado em Relações Internacionais (PUCMinas). Mestre em Administração Pública (FJP-MG). Doutorando em Ciências Sociais (PUCMinas).

O termo “design desagradável” (tradução livre para unpleasant design) faz referência a um tipo específico de controle social, exercido por meio de alterações no espaço urbano, possuindo um papel importante na forma como percebemos e interagimos nos ambientes públicos e semi-públicos. O propósito do livro, que inaugura uma agenda interdisciplinar e instigante de pesquisa, é o de desenvolver uma abordagem crítica acerca desses padrões e do desejo social, crescente e generalizado, por mais controle. Essa é uma obra construída de forma colaborativa, que reúne contribuições de mais de uma dezena de pesquisadores de diferentes campos do conhecimento e de diferentes países e que conta com uma multiplicidade de ensaios teóricos, estudos de caso, entrevistas e registros fotográficos.

Todo design é, em última instância, ideológico. Ele articula estruturas e métodos para moldar nossas experiências de vida e nossa interação com os elementos físicos e inanimados das cidades e, também, com as outras pessoas. O design não surge no vácuo, ao contrário, é emoldurado pelas estruturas culturais, políticas, sociais e psicológicas circundantes, e depende dos meios técnicos disponíveis. Quando desagradável, ele opera como um agente silencioso que reforça a segregação, assegurando que desigualdades históricas e estruturais possam se reproduzir no presente, no cotidiano e no microcosmos de uma rua, de um shopping ou de uma praça. Por meio dessas estruturas é possível sinalizar sobre quem são as pessoas e quais são as atitudes e comportamentos esperados e admitidos em cada contexto.

O livro é rico em exemplos de sistemas repelentes, que variam de soluções de baixa tecnologia até soluções mais complexas. Ciclistas e skatistas são afastados de praças e espaços públicos por meio da instalação de obstáculos, como pisos mais ásperos e pequenas barras de ferros nos bancos públicos. Na cidade alemã de Hamburgo, estações de trem e áreas comerciais usam a música clássica (especialmente Mozart) para evitar a aglomeração de adolescentes. No país de Gales, a estratégia é ainda mais sofisticada. Em 2005, os galeses patentearam um equipamento que emite ruídos desagradáveis a uma frequência apenas audível para adolescentes (17,4KHz). Outra estratégia é a utilização da luz rosa, pois essa coloração ressalta imperfeições na pele (como acne) que são comuns nessa idade.

A tonalidade da iluminação é também, aparentemente, eficaz para repelir usuários de drogas. Luzes azuis têm sido

instaladas em banheiros públicos de diversas cidades europeias a fim de se evitar que usuários de substâncias injetáveis possam enxergar as próprias veias. Junto com adolescentes e usuários de drogas, outro grupo particularmente afetado é o das pessoas de baixa renda. O exemplo abordado no livro vem da Sérvia, onde cerca de 40.000 pessoas vivem da coleta de papel e materiais recicláveis. A administração da capital Belgrado, em parceria com uma empresa privada, instalou um novo sistema de coleta que armazena o lixo em containers subterrâneos, inacessíveis para os catadores. Essa medida aprofundou a crise econômica do país e afetou também e especialmente os imigrantes e refugiados.

Dentre os públicos afetados, o caso da população em situação de rua é especialmente relevante. O conjunto de técnicas utilizadas para afastar essa parcela da população pode ser observado em praticamente todas as grandes cidades do mundo, e varia desde a instalação de divisões nos bancos de praças públicas (o que impede que as pessoas possam se deitar) ou da utilização de materiais metálicos nesses bancos (o que proporciona desconforto térmico nas madrugadas mais frias), até a instalação de pedras e outros obstáculos que possam evitar que pessoas se abriguem debaixo de pontes, viadutos, marquises, pontos comerciais, escadarias, portarias de prédios e outros locais. Ao lado de instalações rudimentares, coexistem ainda sistemas de alta tecnologia. Os algoritmos das câmeras de vigilância dos espaços públicos já se desenvolveram a ponto de conseguirem identificar de forma automatizada não apenas determinados comportamentos, mas também determinadas características pessoais. Nessa nova realidade, é possível identificar os “indesejáveis” e acionar as forças do estado - policiais e de serviços sociais - de forma mais rápida e precisa para, assim, garantir um controle social ainda mais eficiente.

O design desagradável, em geral, tende a enfrentar os efeitos e não as causas dos problemas sociais mais urgentes. Em geral, os públicos afetados por esse fenômeno são justamente aqueles que acumulam desvantagens e estão, tradicionalmente, marginalizados e desempoderados. As classes médias e superiores, em consórcio com o Estado, por meio desse tipo de “investimento” no espaço público, buscam assegurar os seus padrões de conforto, inclusive estéticos, terceirizando para agentes silenciosos e inanimados a tarefa de afastar aqueles que não “cabem” nos seus espaços de convívio e consumo.

O livro *Unpleasant Design* lança um olhar bastante original para o espaço urbano, usa de linguagem acessível, poupa o academicismo e oferece uma leitura fluida sobre um tema bastante perturbador. Apesar de não abordar o contexto brasileiro, o livro é repleto de insights úteis e relevantes para o pesquisador que investiga as marcas da segregação no espaço urbano de nosso país. Essa investigação é especialmente necessária, por exemplo, para uma reavaliação do legado das grandes obras realizadas na presente década, em boa parte das capitais, a propósito da realização dos grandes eventos esportivos internacionais da Copa do Mundo e das Olimpíadas. O livro é ainda uma leitura essencial para os cidadãos e os formuladores de políticas públicas preocupados em fazer das cidades locais mais inclusivos e agradáveis, para todos.